

Conversação a várias vozes

Uma conversação a várias vozes – no caso presente, entre católicos e não católicos – sobre a obra intelectual de um grande académico e intelectual, que é também o Papa Bento XVI, que honrará o nosso país com a sua visita na próxima semana.

Eu, nome do IEP-UCP, gostaria de dar a todos as boas-vindas e agradecer a vossa presença nesta conferência dedicada ao pensamento de Bento XVI. Antes de passar a palavra ao nosso Reitor – que nos honra com a abertura dos trabalhos e com a participação no primeiro painel – gostaria apenas de dizer algumas palavras sobre o nosso encontro de hoje.

Trata-se de uma iniciativa universitária, no sentido mais nobre e original do tema: uma iniciativa de conversações livre em busca do conhecimento da verdade, do bem e do belo. Uma conversação a várias vozes – no caso presente, entre católicos e não católicos – sobre a obra intelectual de um grande académico e intelectual, que é também o Papa Bento XVI, que honrará o nosso país com a sua visita na próxima semana.

Esta ideia de conversação a várias vozes está no centro da civilização ocidental, como Bento XVI tem vindo a recordar insistentemente em várias obras, designadamente no célebre discurso de Ratisbona.

Se me é permitido dizer uma palavra em causa própria – o que é sempre um risco de vulgaridade – gostaria de recordar que esta ideia de conversação a várias vozes está no centro do projecto do IEP, desde a sua fundação, em 1996.

Somos aqui intransigentes defensores da liberdade, e por isso mesmo, não acreditamos que a liberdade tenha começado com a Revolução Francesa ou com o Iluminismo continental do século XVIII. A liberdade é um traço distintivo da civilização ocidental que tem as suas origens na Grécia antiga, há 2500 anos, e recebeu um impulso decisivo com a mensagem revelada do Deus judaico-cristão.

Jesus Cristo reclamou para a consciência da pessoa humana uma inviolabilidade até aí desconhecida pela tradição greco-romana, uma inviolabilidade que lhe é dada por Deus e perante a qual a esfera de poder de César deve ser limitado.

Desta inviolabilidade da consciência, inerente à dignidade da pessoa humana, nasceu um dos ideais mais importantes do Ocidente: o de estado de direito, ou de Governo limitado pela lei. Isto mesmo foi recordado pelo Concílio Vaticano II, no qual Ratzinger e Karol Wojtyła foram figuras decisivas.



Não é por isso do século XVIII que advém o princípio do Estado de direito. Este emerge de uma longa conversação entre Atenas, Roma e Jerusalém, uma conversação que, como sublinhou Bento XVI, é também uma conversação entre Fé e Razão.

Foi neste espírito de conversação a várias vozes – conversação gentil e civilizada – que decidimos promover a nossa conferência de hoje. Fazemos votos de que ela dê frutos e possa ser agradável para todos, tanto católicos como não católicos. ●

Não é por isso do século XVIII que advém o princípio do Estado de direito. Este emerge de uma longa conversação entre Atenas, Roma e Jerusalém, uma conversação que, como sublinhou Bento XVI, é também uma conversação entre Fé e Razão.